



mutações do laço social o novo nas parcerias

XXIV
Jornada
EBP-MG
{fora de série}

O nó borromeano é a verificação do falso-furo

Maria Bernadete de Carvalho

Reencontramos nesse sétimo capítulo do Seminário 23 um Lacan em pleno processo de pesquisa, estabelecendo os parâmetros dessa nova aproximação em que ele convoca o real, tendo como suporte os nós. Nesse momento de sua pesquisa, Lacan se vale de uma série de diferenciações para precisar o que diz: marca a diferença entre a esfera (idéia do todo) e o círculo (onde há um furo); entre o todo e o conjunto; entre a evidência pela imediaticidade (pseudo-evidência) e a que concerniria o real (evidência-esvaziamento) e, por fim, entre mostrar e demonstrar.

Qualificando a demonstração de falaciosa e decadente, Lacan prefere o mostrar e escolhe como suporte para isso, o anel ou círculo flexível, procedimento que permitiria o esvaziamento do sentido. Entretanto, com relação ao nó borromeano, Lacan antecipa que algo resiste à evidência pelo esvaziamento:

“O que resiste [...] é a aparência nodal que produz o que chamo de cadeinó [chaïnoeud], fazendo equívoco com cadeia e nó. Essa aparência nodal, essa forma de nó, se posso dizer assim, é o que faz do real a garantia. Direi, portanto, nesse caso, que o que testemunha o real é uma falácia, posto que falei de aparência.”¹

Para desdobrar essa afirmação, Lacan se aplicará a nos mostrar o que é próprio da cadeia borromeana, sua essência, aquilo que a faz borromeana.

Para isso, ele nos propõe o enlaçamento de dois círculos, como na figura abaixo, que cria um furo central, que não é o furo de nenhuma das duas rodinhas enlaçadas. Este furo, Lacan o chama de

¹ “De uma falácia que testemunha do real” in: LACAN, J. O Seminário, livro 23: O Sinthoma, 1975-1976. Rio de Janeiro, Zahar, 2007, p. 107.



O falso-furo

Mas, esse falso-furo só é verificado pelo atravessamento de um terceiro círculo ou reta.²



Transformação do falso-furo em real

falso-furo.

Lacan nos mostra, assim, que “a essência da cadeia borromeana repousa na verificação do falso-furo, no fato de que essa verificação o transforma em real.”³

Relembrando seu escrito “A significação do falo”⁴, Lacan se felicita por ter, já naquele momento, evocado o nó para abordar a castração. Com o suporte do nó borromeano, Lacan reafirma aqui suas formulações de então, ou seja, “... é o falo que tem o papel de verificar que o falso-furo é real”⁵. Como “suporte da função significante”, “que cria todo significado”, o falo é o único real habilitado a verificar a amarração.

Não há ainda nesse momento das formulações de Lacan referência ao quarto laço. Acompanhamos sua procura por formas de diferenciar os nós, experimentando variações na orientação da terceira corda, destituindo de sentido a cor das cordas... Suas elaborações estão em curso e ele deixa, com isso, a marca de seu caminho na apreensão das conjunções que permitem amarrações. Ele se refere então a Joyce, artífice de seu sinthoma, com o que ele faz um falso-furo, que o implica arduamente na arte de dizer.

Referência Bibliográfica

“De uma falácia que testemunha do real” in: LACAN, J. O Seminário, livro 23: O Sinthoma, 1975-1976. Rio de Janeiro, Zahar, 2007. Cap. 7.

2 Idem, p. 113.

3 Ibidem, p. 113.

4 “A significação do falo” in: LACAN, J. Escritos, Rio de Janeiro, Zahar, 1998, p. 692- 703.

5 LACAN, J. Op. Cit., 2007, p. 114.